

F. Brasília

Uma pesquisa da UnB começa a desvendar um local diferente da cidade

O Centro Comercial Conic está sendo revirado pelo avesso. Um grupo de alunos e professores da Universidade de Brasília (UnB) decidiu remexer em coisas que o velho centro da arte, de livrarias, óticas e também de deleites noturnos, geralmente esconde sob o nome que já virou sinônimo de tudo isso — Conic (SDS). Os pesquisadores resolveram ir a fundo no assunto e mostrar a cara de um local peculiar na cidade, diferenciado mesmo.

Um lugar onde livreiros, religiosos, comerciantes e adeptos da profissão “mais antiga do mundo” convivem respeitando o espaço do outro chama a atenção da maioria dos moradores de Brasília, acredita o professor José Luiz Braga, que em companhia da professora Regina Calazans (Educação Artística da UnB), lançou o tema proposto para a disciplina opcional (Oficina de Trabalhos Acadêmicos) para alunos do Curso de Comunicação Social da UnB. “Ainda estamos compondo a pesquisa”, explica.

A idéia, segundo Braga, era começar a desenvolver, este semestre, o corpo da pesquisa, que ele ainda não sabe ao certo que rumo irá tomar. “Não tínhamos um projeto predeterminado, porque nosso objetivo, no começo, era de montar o projeto da pesquisa, como parte do trabalho que estamos desenvolvendo”, justifica o professor. “Nosso ponto de partida foi deixar que cada um dos seis alunos, sendo um do curso de Antropologia, expressasse sua visão sobre o Conic”, adianta.

A convivência da pluralidade, para Braga, é um dos aspectos que desperta maior interesse nos pesquisadores. “Cada um deles acabou sendo estimulado a produzir a pesquisa e têm em comum a visão sobre o lugar, que consideram especial na cidade”, conta o professor. Os alunos que se interessaram pela disciplina começaram então a colher dados no local e, até o momento, informações preliminares ainda não-sistematizadas na pesquisa dão conta de que os frequentadores do local têm um perfil definido e uma opinião formada sobre o próprio Conic.

Entrevistas—Frisando que ainda não foi feito um levantamento sistemático sobre quantas lojas, igrejas, cinemas e bares, há no local, o professor Luiz Braga adianta que até o momento só foram realizados estudos preliminares. “Questionamos as pessoas do local sobre como vêem sua participação no conjunto e a relação com as diferenças”, informa. A pesquisa, ainda em fase de estruturação, pode revelar dados extremamente curiosos e de interesse público quando estiver totalmente acabada, avalia Braga.

O trabalho pode ter continuidade no próximo semestre com a colaboração dos mesmos pesquisadores ou não. “Se eles quiserem continuar, poderão fazê-lo a título de pesquisadores mesmo, mas não como alunos, já que a disciplina foi concluída este semestre”, esclarece. Quanto aos dados preliminares obtidos em um semestre de pesquisas, Braga adianta que foi possível perceber que “há uma convivência pacífica no lugar, em meio às várias diferenças que separam quem trabalha e frequenta o Conic”, revela, citando a proximidade de igrejas com o sexo, ao lado.

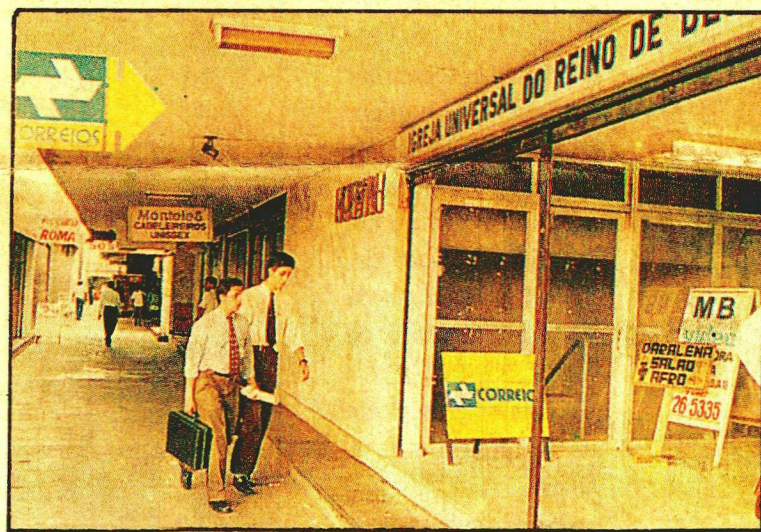
Inicialmente, com base nas entrevistas, foi possível perceber que quem trabalha no

FOTOS:IVALDO CAVALCANTE



CONIC

mostra sua cara



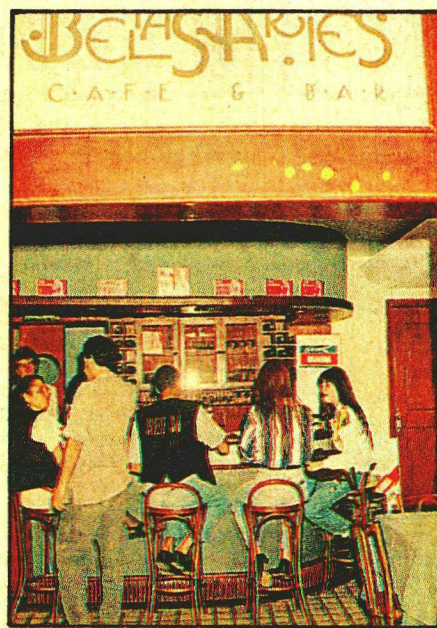
Dos cinemas que exibem moças em strip-tease nos intervalos à movimentação na Igreja Universal do Reino de Deus e a agitação cultural que ronda a Faculdade de Artes Dulcina, são várias as caras do Conic — na verdade, apenas um dos prédios que compõem o conjunto, mas que emprestou o nome para apelidar uma das áreas mais discutidas da cidade



Um espaço de vivência

O objeto da pesquisa, um espaço diversificado, popular, mas não familiar, aos olhos da maioria dos moradores da cidade, na verdade engloba apenas um prédio (Conic), que com o passar dos anos, tornou-se sinônimo de todo o Setor de Diversões Sul, que é formado por 14 prédios, incluindo o Conic. Mesmo assim, não adianta querer desfazer essa confusão que a maioria faz em relação a esse local. Tanto não adianta que a pesquisa desenvolvida no lugar também não faz essa distinção.

Esse local, sujeito à observação coletiva, segundo José Luiz Braga e seus pesquisadores, aglomera comerciantes e outros trabalhadores que saem do lugar na hora definida, assim como militantes políticos que vão lá vez por outra definir sua pauta de trabalhos. Há ainda os consumi-



Café Belas Artes: point

dores receosos, que se dirigem ao Conic para fazer compras cheios de cuidados, ou aqueles que vão bater pernas nos bares de frequência cadenciada. Também existem os intelectuais que buscam as livrarias e points culturais centrados ali.

“As pessoas não vão ao Conic com objetivo definido como acontece quando se dirigem a outros shoppings da cidade. Lá é um espaço de vivência”, reconhece Braga.

Mesmo inacabada, a pesquisa em andamento terá, em breve, dados precisos sobre aluguéis no lugar e os tipos de construções. “Há um aluno levantando esse aspecto”, informa, revelando que já foi possível saber que há proporções de custo no Conic muito diferentes em relação a outros shoppings de Brasília. “São quase 20 óticas no local, e se o aluguel lá fosse muito alto, certamente esse número de óticas cairia para três”, prevê Braga. É no Conic (SDS) também que se encontram as melhores livrarias da cidade, na visão do pesquisador, lembrando que o levantamento feito por Ana Lúcia Teixeira, Antônio Teixeira de Barros, Kátia Karan Toralles, Vânia Henriques, Francisco da Costa (todos alunos do Curso de Comunicação Social) e Alex da Silveira (de Antropologia), vai propiciar um autoconhecimento do Conic, que favorecerá sua manutenção.

■ Socorro Ramalho